Entre Caminhos – a poesia é

Rodrigo Ferreira Martins de ARAUJO
Orientação: Prof. Selma Regina OLIVEIRA
Universidade de Brasília, Brasília, DF

Trabalho inscrito no EXPOCOM 2008 na categoria Categoria E2: ÁREAS EMERGENTES - Produto

APRESENTAÇÃO

"Entre Caminhos – a poesia é" foi realizado no segundo semestre de 2007 como um estudo da linguagem comunicativa, tendo a poesia e a arte como forma de expressão. Após uma caminhada de 3.600km pelo país na campanha Louco Pelo Pan, o estudo resultou em um livro de fotos e poesias relatando a viagem e as experiências vividas.

Assim, o livro é um manifesto literário, em que o autor demonstra a forma que utiliza para criar, associando os conceitos de poesia e arte como princípio da comunicação, relatando as relações entre a expressão artística ligada a necessidade de renovação da comunicação.

Um produto que traz à tona o papel da academia na formação de profissionais e/ou pesquisadores, dispostos a inovar, crescer e propor novos modelos de estudo ou atuação.

OBJETIVOS

- Estimular a livre expressão artística;
- Relatar os processos criativos da poesia e da comunicação;
- Estudar os diferentes movimentos literários e suas formas de expressão;
- Reportar as histórias, sentimentos e momentos da caminhada realizada pelo Brasil;
- Repensar o papel formador da academia no Brasil.

JUSTIFICATIVA

O livro é um estudo das formas de expressão. Sendo assim, é um objeto de estudo para autores, jornalistas e redatores e um estímulo para a liberdade criativa, propondo a renovação do texto e a reinvenção diária dos modelos de comunicação.

"Entre Caminhos – a poesia é" é um estudo crítico da postura da academia como geradora de conteúdo e responsável pela renovação da linguagem e estímulo à criação.

O livro é uma forma de mostrar aos interessados que há a possibilidade de renovação e espaço para todas as formas de expressão.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Escrever é uma ação absolutamente pessoal. É uma forma de expressão como a fala. Utilizada para contar histórias, narrar fatos, dar opiniões ou, simplesmente, expressar sentimentos - estes de todos os tipos. Por meio da escrita, o autor coloca no papel suas experiências e toda a bagagem socio-cultural desenvolvida durante a vida. A escrita é uma forma encontrada por uma pessoa de se fazer entender, mesmo que seja por si mesmo. Não necessariamente os escritos têm como objetivo comunicar, querer dizer algo a alguém. Algo escrito sempre diz. Sempre fala por si, mas aos olhos dos outros nem sempre claramente o que o autor pensou e sentiu ao escrever. Esta talvez seja a maior das belezas da arte, a geração de sentidos. A ampliação dos significados a partir da divulgação dos textos, pinturas e sons criados através dos tempos.

Toda e qualquer manifestação artística é uma experiência pessoal com significados íntimos e singulares que se tornam populares, plurais e múltiplos quando deixam as mãos dos artistas. A objetividade faz parte da arte comunicativa. A subjetividade namora com a arte expressiva. Nos dois casos, a arte parte da necessidade de dizer algo.

A arte é uma manifestação humana inerente a todos, mas que se concretiza de diferentes maneiras. As vivências humanas são representadas de maneira ativa, para aqueles que aceitam o desafio de criar, ou passiva, associadas por identificação com as obras de outros. Das duas formas a arte, seja ela poesia, música ou pintura, estará sempre ligada a relação humana com a vida em si.

- - -

Estabelecer de um instante ao outro que se é um artista é um dos passos mais complicados para o autor. Compreender o que é arte e julgar se suas próprias criações são dignas de um rótulo que percorre o mundo como sinônimo de intelectualidade e, consequentemente, qualidade é um desafio que aflige artistas, fazendo-os esconder sua obra e, por vezes, ironizá-la, temendo a reprovação do outro.

Quase todas as pessoas têm vontade de se expressar artisticamente, e muitas vezes o fazem, mas deixam a intenção de lado por acreditar que a arte é ofício dos intelectualmente diferenciados.

Todos, em desenhos ou versinhos para a menina amada, já manifestaram de alguma forma seus desejos, emoções ou insatisfações, mas insistem em temer o conceito de estar fazendo arte.

Por muitas vezes, minha inquietude emocional foi solucionada com lápis e papel, depois devidamente guardada no fundo da gaveta. Mesmo vivendo no mundo da comunicação, insistia em separar o profissional daquela manifestação angustiante, por mais que estivessem ligados.

Mesmo quando não mais escondi os textos, passei a chamá-los de "escritos", por não me julgar hábil artisticamente. Sem bagagem cultural e capacidade de ser colocado no mesmo patamar de poetas que admirava.

Até perceber o verdadeiro significado da arte. Até desmistificar o conceito, o rótulo de artista. Até entender que, de gênios a normais, todos têm uma mesma necessidade.

De "escritos" passei a fazer poesia.

Em estudos e conversas descobri que a arte é daquele que a faz. O julgamento é único e exclusivo daquele que a cria. As palavras, as formas são aquelas que fazem parte de todas as experiências da vida ou do momento daquele que a escreve. A utilização de palavras e formas estará sempre à disposição daquilo que o artista quer dizer. Seja para ele, seja para o mundo. Não importa sua classe social, seu nível cultural.

Todas as percepções consequentes à criação já não mais desqualificam a obra. Cada pessoa vê o mundo e a arte à sua maneira. Assim, torna a arte tão cheia de sentidos. Assim, dá a arte tantos e novos caminhos.

Não importa quem, como ou quando. Importa o ser.

- - -

A percepção de arte tolhe a produção. O rótulo que a qualifica faz dos autores escravos do que é dito correto. Todos as grandes manifestações artísticas surgiram de quebras das regras sociais, de rupturas com conceitos estabelecidos. Por temer a desaprovação social da própria manifestação artística, muitos talentos sequer nascem para a apreciação geral.

A diferença será sempre reprimida. O medo do feio será sempre a principal dificuldade para o estabelecimento de novos conceitos. O medo de quebrar as regras e mudar, lutando contra as opiniões adversas será sempre um obstáculo para a evolução.

E este vem sendo o papel dos chamados artistas: não temer a mudança; querer a evolução; lutar para se desprender das regras e padrões e fundar o novo.

Aí a grande diferença entre os considerados artistas. Ousar não ao fazer. Ousar ao não temer o contrário, nem a crítica. Ousar lutar para ser, simplesmente, a si mesmo.

- - -

Fazer poesia, ou qualquer outro tipo de arte, é ter a necessidade de dizer algo para o mundo ou para si mesmo. Não necessariamente provar algo. Mas sempre dizer. Sempre gerar sentido.

A poesia é e deve ser o real e perfeito resultado daquilo que o poeta quer dizer. Não necessariamente com um sentido único, mas que tenha ao menos um. O do autor. Todos os outros sentidos gerados serão fruto das relações entre o leitor, sua vida e seus sentimentos com a poesia.

- - -

O poeta tem um único compromisso: dizer algo ao menos a si mesmo.

Depois de viver uma aventura cheia de significados, que gerou todos os tipos de sentimentos, opiniões e experiências, era preciso dizer algo. Ao menos para mim. Era preciso retratar, identificar o que foi para mim a possibilidade de conhecer o Brasil. Cada pedaço dele. Cada passo nele. Depois de mais de 3500 quilômetros caminhando e conhecendo centenas de pessoas e reconhecendo a importância de outras, não haveria forma mais verdadeira de exprimir o que foi a aventura se não por meio das palavras. Da poesia.

Um projeto que quer gerar sentido. Criar caminhos. Mostrar uma forma de se fazer arte. De se fazer poesia. Uma maneira de, entre o caminho das fotos e dos textos, dizer a quem quiser entender e como quiser entender, o que foi essa aventura.

Uma aventura no mundo das palavras para explicar uma aventura dos olhos, do corpo e da mente.

Poesia.

Durante a caminhada – A descoberta.

O objetivo era dificilmente simples. Caminhar pelo Brasil por 100 dias visitando projetos sociais esportivos, faculdades, escolas, hospitais e centro de reabilitação para dependentes químicos, enaltecendo a importância de praticar esportes e incentivar o esporte de base e como inclusão social. Uma ação de comunicação desenvolvida para a Caixa Econômica Federal, chamada Louco Pelo Pan, que percorreu mais de 100 cidades em sete estados do país (Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro). No total, 3.571 quilômetros feitos a pé, com o jornalista Tadeu Rover fotografando e acompanhando no carro de apoio.

Uma aventura que gerou muitas histórias, rendeu muitas fotos e, sobretudo, muita experiência. De vida, pessoal, profissional, física.

Saída: 04 de abril de 2007 em Brasília, DF.

Chegada: 13 de julho de 2007 no Rio de Janeiro, RJ.

- - -

Caminhar sozinho pelas estradas é uma experiência única. Uma opção para alguns, uma necessidade para muitos. Mas, como qualquer atividade fora da rotina, gera percepções diferentes. Levar o corpo ao limite físico, enfrentar climas adversos e variados, lutar contra a solidão constante foram algumas das dificuldades originadas na vontade de mudar.

Como toda mudança, num primeiro momento percebe-se uma perda. A quebra do comum traz sempre um estranhamento inicial, que é modificado com o passar do tempo. Com o costume. A partir do momento seguinte, surgem os motivos que levaram à mudança.

Numa aventura como esta, o momento de estranhamento (identificado pelas dores, solidão e deslocamento do mundo diferente em que se entra) é sucedido da vontade de conhecer. De se satisfazer ao ver o novo, o diferente, ao experimentar, ao ouvir os sons da estrada e da natureza, de aprender com novas pessoas e situações. Enfim, de viver algo diferente do que foi vivido até então. Uma ampliação dos sentidos para quem se abre a esta experiência.

Atitude que permite e impulsiona a arte e o desenvolvimento artístico, como acredita o Expressionismo.

A mudança é, antes de tudo, uma busca. Pela felicidade, pela inovação. A arte sempre será uma forma de relatar essas mudanças.

- - -

Uma caminhada como a realizada exemplifica de maneira potencializada as experiências de vida pelas quais uma pessoa comum passa. Os conceitos esportivos de preparação, treinamento, adaptação, superação e, principalmente, vitória e derrota, podem ser utilizados em quaisquer campos da vida e são vividos diariamente numa "loucura" como essa.

Fazer tal viagem é uma forma ideal de se vivenciar um pouco de tudo isso. De conviver com problemas diariamente e ter que superá-los. É experimentar e continuar. Sobretudo, aprender. E todas as condições que a caminhada oferece estimulam uma imensa reflexão.

Como fazer arte é, de alguma forma, viver, a caminhada tornou-se um catalizador de vontades artísticas, que se manifestaram em forma de textos e fotos. As condições, totalmente fora do comum para um jovem nascido e crescido na cidade, tornam a sensibilidade muito mais evidente. As experiências vividas tornaram-se rapidamente uma vontade de dizer algo.

- - -

Caminhar solitariamente é um exercício de observação e reflexão. Não importa se o som vem da natureza, dos caminhões ou da música ligada diretamente aos ouvidos. A caminhada é uma forma de estar sozinho consigo, pensando, criando. Elaborando coisas para a vida, resolvendo problemas ou dando soluções. É também um momento único para não se ter obrigações, deixar a mente se expressar sozinha, de acordo com o que o acaso propuser. O acaso, a natureza, as dores, a estrada ou qualquer outro evento.

Com o corpo entretido em praticar uma ação repetitiva e automática, a mente, os olhos e os ouvidos tornam-se livres para perceber. Tudo se torna uma grande experiência dos sentidos. Um prazer para o caminhante e que fará parte do seu mundo de referências.

Caminhando ou em contato com pessoas diferentes passa-se a retirar dos momentos experiência de vida, a mudar conceitos e referências. Os valores de uma pessoa são completamente alterados quando esta é retirada do seu mundo e sua rotina. É com toda essa vivência que a poesia se fez ainda mais presente. Fez-se urgente.

- - -

Com a relação de necessidade em escrever e com tantas experiências sendo vividas, alguns textos e poesias precisaram ser escritos durante a caminhada, num aparelho de telefone celular ou com um gravador. Uma tentativa de guardar o exato sentimento ou impressão que o momento havia motivado.

Algumas imagens e situações ficavam na cabeça e muitas vezes se repetiam, de alguma forma "pedindo" para serem descritas. Outras foram de tal forma únicas e inesquecíveis que simplesmente "saíram".

Prova de que o processo criativo de uma poesia varia. Às vezes urgente, necessário. Em outras, um diamante a ser lapidado. Mas as experiências descritas numa poesia são e sempre poderão ser vividas por qualquer pessoa. E a aventura por terras brasileiras me colocou em um estado altamente favorável para a criação.

- - -

Com todas as reflexões e a já falada urgência em escrever, em manifestar o que estava vivendo, a caminhada serviu como uma autoafirmação artística. Uma relação única entre o que sentia e o que escrevia. Uma forma diferente de mostrar para aqueles que conheço (ou não) um pouco do que estava passando. Tanto em dores como em alegrias. Tanto em suor como em lágrimas. Tanto em alegrias como em sofrimentos. Tudo que estava sendo novo e diferente. Tudo que foi gerado pela mudança de aceitar deixar o mundo para trás e andar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. **Ponta de Lança.** São Paulo, SP: Ed. Globo, 1991.

ANTUNES, A. **Como é que chama o nome disso:** Antologia. São Paulo: Publifolha, 2006.

CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. **Teoria da Poesia Concreta:** textos críticos e manifestos 1950 – 1960. Cotia, SP: Ed. Ateliê Editorial, 2006.

HENDEL, R. **O Design do Livro**. Tradução: G. G. de Souza e L. Manfredi. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

MARTINS FILHO, P. (org). **A arte do invisível ou A arte do livro.** Tradução: G. G. de Souza. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

PIGNATARI, D. **Contracomunicação.** 2ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1973. (Coleção Debates)

SCHELLE, K. G. **A arte de passear.** Tradução: I. A. Paternot. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

TELLES, G. M. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro:** apresentação

dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. 7ªEd., Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.

SILVA, V. M. de A. **Teoria da Literatura.** 3ª ed., Coimbra: Livraria Almedina, 1979

PIGNATARI, D. **Poesia pois é poesia:** 1950- 2000. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicampo, 2004.

CARRASCOZA, J. A. **A evolução do texto publicitário**. 4ª ed., São Paulo: Editora Futura, 2003.

SODRÉ, N. W. **História da Literatura Brasileira**. 7ª ed. Atualizada, São Paulo: DIFEL, 1982.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico.** 9ª ed., Tradução: M. Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993. – (Série Ofício de Arte e Forma)